

OPINIÃO



Economia Real

Luís Todo Bom

STARTUPS E CONHECIMENTO

Portugal tem uma situação bizarra na área do conhecimento tecnológico: boas faculdades de Engenharia, de onde saem engenheiros bem preparados nas diferentes áreas do conhecimento, que elaboram teses de mestrado e de doutoramento em áreas tecnológicas de vanguarda, que não são, posteriormente desenvolvidas empresarialmente, porque não temos empresas com dimensão e cultura tecnológica adequadas.

Na última década, não só não se criou em Portugal nenhuma empresa de grande dimensão, como se destruíram empresas emblemáticas, com dimensão, tecnologia e presença internacional — Portugal Telecom, Cimpor...

As *startups* de base tecnológica têm surgido, assim, como resposta para a utilização destes conhecimentos adquiridos na universidade e aprofundados em trabalhos de investigação aplicada posteriores, para os quais não se encontra, no país, uma empresa capaz de os utilizar, prosseguindo o seu desenvolvimento e posterior comercialização nos mercados internacionais.

Mas não existe em Portugal o ecossistema alemão ou o de Silicon Valley, pelo que estas nossas *startups* não são a resposta para a construção de um sistema empresarial de base tecnológica sustentado, que suporte o crescimento desejável da nossa economia.

Contam-se pelos dedos de uma mão as *startups* nacionais de base tecnológica que conseguiram atingir um volume de vendas de 10 milhões de euros (uma PME!) em 10 anos e que tenham assegurado uma presença internacional significativa.

Os mecanismos de financiamento nas várias fases de evolução destas *startups* — nascimento, desenvolvimento, crescimento e maturidade, são inadequados e ineficientes, e a sua capacidade para atingirem mercados internacionais com dimensão, é muito limitada.

O sucesso ocorre quando uma grande empresa internacional adquire, com um prémio considerável, uma *startup* nacional que desenvolveu uma tecnologia promissora. Mas, neste caso, o conhecimento migra para o exterior.

O caminho a seguir tem, assim, de ser o inverso: atrair para Portugal, grandes empresas de base tecnológica, com programas de promoção e de incentivos, adequados, não só de ordem financeira e fiscal, mas que valorizem o conhecimento tecnológico que existe e é produzido pelas nossas escolas de Engenharia.

Continuaremos a pugnar, na Ordem dos Engenheiros, pela alteração deste paradigma e pela valorização e utilização dos conhecimentos nas diferentes áreas tecnológicas dos engenheiros portugueses.

Gestor de empresas